



MEMÓRIA DA OCUPAÇÃO DOS LOTES DE TERRAS DA UFAM EM MANAUS (AM)

Pesquisador: André Menezes Firmino

Universidade Federal do Amazonas

andre27firmino@gmail.com

Orientador: Pedro Paulo Soares

Universidade Federal do Amazonas

pedropaulosoares@ufam.edu.br

RESUMO

A presente pesquisa é fruto do programa de iniciação científica, estando em andamento desde agosto de 2023, tão logo, seus resultados tratam-se muito preliminarmente. Desde a sua criação em 1909, até os anos 1970, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) ocupava um território maior do que o momento atual. O início de sua redução territorial se deu em virtude das ocupações populares decorrentes da luta pela moradia que ocorreram em lotes de terras inicialmente pertencentes à instituição, localizadas no bairro do Coroado. Essas ocupações começaram com uma onda de migração para a cidade de Manaus, após a implementação de sua Zona Franca, resultando em um crescimento exponencial no número de habitantes no território. Como o estudo dessa temática é pouco explorado na historiografia amazonense, esse projeto visa explorar de maneira mais aprofundada o papel dos movimentos sociais de moradores para a ocupação desses lotes de terras e a reação das competências administrativas da UFAM enquanto elas se concretizavam. Além disso, está se considerando o processo de migração e assentamento das populações do interior do Estado do Amazonas e de outros estados brasileiros que se estabeleceram nas terras da universidade. A pesquisa está sendo desenvolvida por meio de fontes escritas e orais. Entre as fontes escritas estão jornais, narrativas em textos literários e poemas. Quanto às fontes orais, estas consistem em antigos docentes e quadros administrativos da UFAM, além de moradores do bairro do Coroado que participaram do processo de ocupação.

Palavras chaves: Coroado; Universidade Federal do Amazonas; Ocupação.

1. Introdução:

Esta pesquisa busca compreender a dinâmica dos movimentos sociais relacionados à aquisição desses lotes de terras e avaliar a resposta das competências administrativas da UFAM. Além disso, está se estudando – por meio da memória – os processos de migração e conquista de territórios no bairro do Coroado pelas populações do interior do Amazonas e de outros estados brasileiros, que se



estabeleceram nas terras da universidade. Para tanto, a pesquisa está abrangendo três elementos centrais: movimentos sociais, as reações da UFAM e processo migratório e de ocupação.

A UFAM foi fundada em 1909 como a Universitária Livre de Manáos, com o objetivo de oferecer uma escola de treinamento militar e desenvolver as habilidades profissionais dos seus associados relacionadas à guerra. No entanto, em 1962, com a aprovação da Lei Federal 4.069-A, o nome da instituição foi alterado para Universidade do Amazonas (UA), com um foco maior na formação acadêmica em diversas áreas. Embora tenha sido criada por meio da Lei Federal 4.069-A em 1962, a UA só foi oficialmente estabelecida três anos depois, em 1965, após a desativação da Universidade de Manáos. A UFAM é mantida pelo governo federal como uma fundação de direito público e sua missão é oferecer ensino superior, fomentar o estudo e a pesquisa em todas as áreas do conhecimento, e promover a disseminação científica, técnica e cultural (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2019).

Na década de 1950, durante o governo de Juscelino Kubitschek, foi criada a Lei nº 3.173, autorizando a construção de uma Zona Franca em Manaus. Isso resultou em um grande fluxo de imigração para a cidade, com a população passando de 170.000 habitantes na década de 1960 para 300.000 habitantes na década de 1970. A maioria das pessoas que vinha do interior buscava moradia no centro de Manaus, em igrejas como a Igreja dos Remédios. Alguns grupos também ocuparam terras de fazendeiros na região Centro-Oeste, como no Bairro Santo Antônio e São Jorge, que antes eram fazendas. Outras ocupações também ocorreram nos bairros Compensa, Alvorada e Vila da Prata.

O terreno da UFAM foi ocupado em 1971, inicialmente destinado à produção de carvão. O bairro recebeu o nome de Coroado por inspiração na novela de sucesso Irmãos Coragem da Rede Globo. No entanto, houve conflitos iniciais entre os ocupantes e a polícia, com as forças do estado tentando remover as barricadas erguidas no local. Após a resistência dos ocupantes, o governador do Amazonas, coronel João Walter de Andrade, doou alguns lotes de terra para eles, sem desapropriar toda a área.

2. Objetivo Geral:

Examinar o processo de consolidação do bairro do Coroado a partir da ocupação das terras da UFAM, por meio da memória coletiva de antigos moradores do bairro e de membros da comunidade universitária da época. Isso inclui considerar o processo migratório das populações do interior do Estado do Amazonas e de outros estados brasileiros quando se estabeleceram nas terras da universidade.

3. Metodologia

Essa pesquisa está tratando do processo de ocupação dos lotes de terras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em um lugar que ficou conhecido como Bairro do Coroado após as ocupações. De tal modo, a utilização dos meus estudos na matéria de Metodologia da História acerca das memórias coletivas estão desempenhando uma ajuda necessária que ganha expressão a partir das narrativas dos sujeitos, isto é, a memória individual é formada por meio de uma análise cuidadosa



da experiência de pertencer a um grupo e do ensinamento que recebemos dos outros (HALBWACHS, 2006). Isso ocorre porque a memória individual é a resultante da vivência de uma pessoa em diversos grupos simultaneamente. Ela é composta por uma soma de memórias coletivas, que se fundem em um ser único, representando sua parte individual de experiência. Em outras palavras, a formação da memória é uma combinação aleatória das lembranças dos diferentes grupos nos quais a pessoa é influenciada, o que explica, em grande parte, porque as memórias são distintas de pessoa para pessoa. Assim, realizamos entrevistas semi abertas (seguindo um roteiro de tópicos para conversa) com antigos membros da comunidade universitária que guardam lembranças sobre esse processo, tais como docentes, técnicos e outros integrantes da gestão universitária, a exemplo de Reitores, Pró-reitores e prefeitos do campus.

Entre os moradores do Coroado, estamos dando prioridade na pesquisa àqueles mais velhos e aos mais jovens que também participaram de maneira direta ou indireta dos processos de ocupação. Pois as memórias não se encontram fisicamente presentes nos corpos ou mentes individuais, mas sim na sociedade em que se inserem, através dos diferentes grupos que a constituem. Isso ocorre porque, ao lembrar, os indivíduos necessitam fazer uso de convenções sociais que não são por eles criadas – afinal, a memória individual não pode funcionar sem os instrumentos das palavras e ideias, que o indivíduo não inventou, mas que são emprestados do ambiente. A ocupação e formação de bairros populares se alinham com as trajetórias habitacionais dos sujeitos, que fazem parte de suas histórias de vida. Para a realização deste tipo de entrevista, se faz necessária a presença do pesquisador no cotidiano do bairro e a convivência prolongada com seus moradores, o que implica na realização de um exercício de etnografia. Todas as entrevistas estão sendo realizadas com gravador digital ou do celular e transcritas, mediante consentimento dos interlocutores da pesquisa. É importante destacar que a representação simbólica do Bairro do Coroado é algo pessoal para cada morador. Cada indivíduo está descrevendo o que testemunhou com seus próprios olhos ou o que foi transmitido a ele através das gerações.

[...]Inerente às entrevistas, existe, entretanto, uma dimensão simbólica que os historiadores tem a obrigação de conhecer e estudar, pois faz parte da história. Mediadas pela memória, muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas sociais de outras épocas. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente nos fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças. As associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm (AMADO, 1995, p.136).

E ao mesmo tempo, se prestará aos ensinamentos de Marc Bloch, pois para ele a memória coletiva deve ser abordada como um fenômeno comunicacional, o que implica em diversas implicações. Ele sugere que os mesmos problemas que afetam a comunicação também podem afetar a memória coletiva. Ou seja, a memória coletiva pode sofrer com erros de transmissão, malentendidos e até



mesmo distorções intencionais em relação ao passado. Assim, Bloch destaca a possibilidade de existirem falsas lembranças e equívocos dentro da memória coletiva. Essa afirmação sugere que a memória coletiva é construída socialmente e é influenciada pelas diferentes perspectivas dos grupos envolvidos em sua criação. Em vez de ser vista como uma história objetiva e universal, a memória coletiva é entendida como uma construção dinâmica e contingente, moldada pelas experiências e valores compartilhados pelos membros de um grupo social (BLOCH, 1994). Ou seja, devemos reconhecer que a memória coletiva é influenciada por questões de poder, políticas e ideológicas, e que diferentes grupos sociais podem ter representações distintas do mesmo evento histórico. Além disso, ela enfatiza a importância de se considerar a diversidade de perspectivas e experiências dentro de um grupo social e de incluir múltiplas vozes na construção da memória coletiva.

Por fim, essa pesquisa está utilizando de fontes escritas, procurando acervos públicos na internet ou bibliotecas que contém informações sobre esse momento histórico, como jornais, obras literárias e documentos. Esses documentos podem fazer referência ao bairro do Coroado e sua formação, como também podem ser documentos institucionais da UFAM. No presente momento, já realizamos levantamentos bibliográficos em periódicos Qualis/CAPES e em bancos de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso sobre os processos de ocupação do Bairro do Coroado, seus movimentos sociais e conflitos envolvendo a UFAM.

4. Resultados e Discussões:

Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, onde seu início deu-se no mês de agosto do presente momento, os resultados aqui expostos são preliminares, necessitando um maior aprofundamento nas discussões bibliográficas e na análise e reanálise das fontes utilizadas na pesquisa.

Até o presente momento, os desdobramentos da pesquisa sobre o bairro do Coroado têm desvendado uma riqueza de informações significativas. Inicialmente concebida para mergulhar profundamente na história e evolução desse local, a investigação tem revelado descobertas cativantes. As entrevistas, ponto crucial desta pesquisa, ofereceram um olhar íntimo e multifacetado sobre a vida na região. Entre os entrevistados, além de moradores comuns, figuram personalidades proeminentes, como o respeitado reitor da UFAM.

A narrativa dos moradores remonta a suas memórias desde a infância, testemunhando a incrível transformação do bairro de uma densa e pouco habitada floresta para uma área urbanizada que se tornou um dos principais centros de Manaus. Muitos compartilharam suas motivações para migrar para a cidade em busca de melhores condições, deixando para trás a vida no interior do Amazonas. Também, estou utilizando do ensinamento da historiadora Verena Alberti, já que ela aborda sobre a maneira de se fazer uma entrevista. Nesse caso, para Verena Alberti uma entrevista é uma interação entre pessoas com experiências e perspectivas diversas, que compartilham um interesse comum por um determinado tópico do passado. Tanto o entrevistado quanto o entrevistador trazem consigo conhecimento prévio, derivado de experiências de vida ou pesquisa, criando uma relação entre indivíduos de diferentes gerações, culturas e saberes que dialogam sobre o mesmo assunto.



Nesse início de interação, ambas as partes se avaliam mutuamente, observando o comportamento, a comunicação e a disposição do outro. Essas observações fornecem informações que ajudam a construir uma imagem inicial do interlocutor. À medida que a entrevista avança, essas impressões iniciais podem ser confirmadas ou alteradas à medida que ambas as partes se tornam mais familiares uma com a outra. Essa relação tende a se aprimorar quando se estende por várias sessões de entrevista.

[...] A relação estabelecida entre entrevistado e entrevistadores não se diferencia, de modo genérico, das demais relações que mantemos com outras pessoas ao longo da vida. Em toda relação há códigos que indicam padrões de conduta, a serem seguidos ou não, conforme a empatia entre as partes, a cumplicidade e a duração daquela experiência. Os padrões de conduta variam em função da situação (a relação que estabelecemos com nosso dentista, por exemplo, é diferente da que podemos estabelecer com um companheiro de trabalho), e em função da singularidade de cada uma das partes envolvidas (podemos ter mais empatia com um companheiro de trabalho do que com outro, por exemplo). (ALBERTI, 2005, p.101).

Além disso, a pesquisa permitiu adentrar na vida de figuras notáveis, como Padre Mário, cujo legado humanitário e projetos em prol da comunidade se destacaram de forma extraordinária. Por exemplo, ele menciona o engajamento em projetos sociais, educativos e de saúde voltados não apenas para a igreja, mas também para a comunidade em geral. O Padre Mário conta na entrevista sobre a sua participação na criação de um clube de mães, oferta de cursos para os pais, atendimentos médicos em um hospital local, tudo concentrado em um centro social aberto para promover educação, saúde e conscientização. Ele ressalta a importância do apoio das autoridades locais, como prefeitura e governo do estado, para beneficiar o povo e a comunidade. O Padre Mário valoriza o esforço conjunto para oferecer oportunidades de crescimento e estímulo para a melhoria contínua do lugar onde atua:

“André: [...] Quais eram as ações dos padres nessa época de instabilidade e desenvolvimento populacional no Coroadó?”

“Padre Mário: {...} Porque depois já viu, no sábado e depois, eu já tinha encontrado outras pessoas daqui da cidade dispostas a dar uma grande ajuda lá no coroadó, a criar o clube de mães, oferecendo cursos para os pais. Tinha também o hospital tropical, lá de Dom Pedro, que fazia atendimento médico ao sábado, oroadó 1, coroadó 2, sempre no centro social. O centro social praticamente era um lugar aberto. Para tudo aquilo que era projeto de promoção educativa, de saúde, de conscientização, de encontros e tudo isso, certo? Não só para a igreja, mas também para o campo social e educativo e sanitário, certo? Tinha muita vida, tinha muita vida, tinha muita, muita vida e a gente trabalhava com os recursos, com as forças que a gente tinha. Mas eu posso dizer, durante os anos que eu estive lá, quando eu



ia a alguma secretaria ou a prefeitura pedindo algum benefício procurado, eu sempre posso dizer que eu fui sempre bem recebido e bem, certo? Não posso me requeixar, não. O governo de estado e a prefeitura existem para me ajudar. Para beneficiar o povo, não é? Então, onde tem o povo, tem gente que trabalha, que sofre, que vive, que labuta e que precisa sempre de novos estímulos para melhorar, não é?”

A entrevista com o Padre Mário possibilitou conhecer o âmbito administrativo, já que o mesmo participou da maioria das reuniões com órgãos do Estado e autoridades. Pois, a sua figura era de grande importância para a comunidade.

Do mesmo modo, as entrevistas com membros da equipe da UFAM, incluindo o reitor, contribuíram para uma abordagem mais abrangente, enriquecendo o estudo com a perspectiva acadêmica e institucional. A experiência e relato do Reitor ofereceram uma compreensão mais profunda e rica, acrescentando camadas de conhecimento histórico e social do bairro do Coroado, trazendo à tona nuances antes não exploradas, pois se tratou do primeiro representante da UFAM a expor seu ponto de vista sobre a relação entre a universidade e o Bairro. O acesso para ter a entrevista com o Reitor foi difícil devido à sua agenda de trabalho, mas a realização foi mais satisfatória, foi como se os problemas que eu passei até alcançar a entrevista com ele sumissem.

“ANDRÉ: Sim, verdade. Como está hoje em dia a UFAM com o bairro do Coroado?”

“REITOR: Olha, nós temos projetos de extensão que são desenvolvidos no bairro né, temos projetos de extensão, essa definição é uma deliberação da pró-reitoria de extensão, digamos que temos que ver junto a PROEG quais são os projetos que são desenvolvidos lá, mas nós temos projetos desenvolvidos junto ao bairro do Coroado que são aprovados em todas as instâncias, enfim, temos sim.”

Conquistei a oportunidade de entrevistar um membro crucial e estimado na comunidade, o senhor Montelo. Desde nossas primeiras trocas no *WhatsApp* até o instante em que adentrei sua residência, ele se mostrou extremamente cortês, disposto a esclarecer todas as minhas dúvidas. Durante a entrevista, a experiência não foi diferente: a cada breve pausa, ele gentilmente compartilhou mais detalhes de sua vida. Era um desafio manter o ritmo e reiniciar o gravador rapidamente para não perder nenhum aspecto de sua narrativa. Cada relato sobre sua vida carregava consigo conhecimento e emoção. Houve um momento comovente durante a entrevista, quando ele se emocionou ao recordar sua sogra, chegando às lágrimas enquanto partilhava sua história:

“André: A segunda pergunta para o Sr. Montelo é: Como foi para o senhor vir morar no bairro?.”

“Sr. Montelo: É, faz até um pouco lá atrás, é uma questão de gente que quando não tem residência, não tem casa própria, quando aparece uma oportunidade você tem que abraçar, e essa minha vinda para cá foi através de uma pessoa que ia viajar e de repente queria alugar a casa e era vizinho da minha sogra ali, do meu sonho e perguntou se a minha esposa não



queria ficar na casa até que ele voltasse, e aí minha sogra falou para ele que era meio complicado, porque eu era meio complicado, já que eu era nordestino e são cheios de 9 horas e aí conversou com minha mulher, minha mulher falou para mim e aí eu disse, nós estamos pagando aluguel, vamos passar uns tempos sem pagar e de repente ele pode até arrumar um espaço para a gente, e aí eu vim aí e conversei com uma pessoa, que inclusive hoje é meu compadre, né, tive a honra de ser padrinho de um dos meus meninos, dos meus filhos, e aí nós ficamos lá na casa dele e de lá, graças a Deus deu sorte que nós conseguimos esse espaço aqui que nós estamos aqui hoje, onde é a minha casa através do programa PROMORAR, fizemos um cadastro lá e ganhamos um “terrenozinho” e hoje estamos aqui. A minha vinda para o Coroado foi bom, porque eu consegui um espaço próprio.”

A pesquisa ganhou muito com a entrevista conduzida com João Coragem, cujo pai foi um dos primeiros moradores do Coroado e também tinha o apelido de João Coragem. João Corrêa Barbosa, seu pai, trouxe a família do interior para essas terras ocupadas pela UFAM, buscando melhores oportunidades de vida. Desde então, a linhagem dos descendentes de João Corrêa Barbosa tem se estabelecido no Coroado. A entrevista com João Coragem foi um momento especial e essencial. Segundo ele, era uma oportunidade há muito desejada para expressar-se de forma diferente, longe dos meios tradicionais, como entrevistas para jornais. Ao ser questionado sobre sua motivação para viver no Coroado, emocionou-se ao falar de sua avó. Ela costumava dizer que só morreria quando caísse, e, de fato, aconteceu assim. Para João, sua avó personificava a força de muitas mulheres brasileiras, enfrentando precocemente desafios da vida adulta para sobreviver. Além disso, João Coragem compartilhou detalhes sobre a importância de seu pai para a família e a comunidade. Sua narrativa ofereceu um olhar íntimo sobre as histórias familiares e o papel fundamental desempenhado por esses indivíduos na vida do Coroado. Alguns trechos da nossa entrevista:

“André: A segunda pergunta para o João Coragem. Como foi para o senhor vir morar no bairro?”

“João: Essa é uma história muito importante. Porque, para vir morar no Coroado, nós morávamos na Educandos, né? Na época, nós morávamos na Educandos, no Beco das Flores. Até o número da casa eu me lembro, 58. É Beco das Flores, 50... Rua Dessi de Amaral, Beco das Flores, 58. Eu nasci no, lá era...era...flutuante, naquela época. Aí depois passei para a terra. Justamente lá nesse beco, era um beco lá. E a partir disso, para tu ver, a gente vivia tudo numa boa. Papai, mamãe, papai era muito resolvido. Certas coisas dele. A gente morava junto com a casa da minha avó. Papai largou a mãe dele, meu pai e passamos a morar do lado. A vovó morava com o meu avô, com o meu avô, né, que era... então, aí a partir disso, aí, certo dia, a minha avó só falava assim, olha, a minha avó era parente, mano, gente fina demais, né? Cheira um... meu xodozinho, né? Aí ela pegou e... ixi! aí... (João Coragem começou a se emocionar). Eu tava conversando com o andrezinho. Desculpa, andrezinho. Olha só, essa parte da minha avó foi o que me emocionou muito, que é a parte que ela ia fazer os pagamentos dela e todinho, e ela falou um ditado que ela disse o seguinte, que quando ela caísse, ela andasse assim na rua. Se ela caísse, ela... era pra morrer. Então, ela foi fazer um pagamento na época e, lá ela caiu. Aí foi pro hospital. De lá, ela morreu. Então



essa foi a nossa vida aqui pro Coroado. E o papai, que morava do lado dela, a gente não sabia de nada. A gente era criança. Aí ele pegou, vendeu nossa casa. Vendeu nossa casa, a gente não sabia. Aí no terceiro dia, foi no terceiro dia, viemos pro Coroado, que tinha essa invasão que ele soube, não sei como que ele soube, ele disse que foi um parente dele que falou, e veio pro Coroado. E a gente fiquemos, aí viemos pro Coroado, nós três. Nós quatro aliás, mamãe, papai e meu irmão. Nós quatro. Quando chegamos, quando chegamos naquele tempo, pegamos colônia Antônio Aleixo. Olha, só passava colônia Antônio Aleixo naquela época e a gente ficamos lá perto do bar nacionalismo ali. É... no bar nacionalismo fica onde é que é? É, depois nasceu na linda ali, na estrada do Aleixo, ele ficava ali na Aleixo, e vinha a pé com o... vinha a pé, andando, passava pelo Santana, naquele tempo já existia o Santana!"

A pesquisa encontra-se em andamento, e embora ainda não tenha sido concluída, os resultados obtidos representam um grande avanço. Até o momento, a pesquisa foi centrada nos moradores do Coroado e suas histórias. Na próxima fase, irei entrevistar funcionários, professores ou gestores da UFAM que acompanharam a formação do bairro Coroado sobre as terras da UFAM, mostrando seu ponto de vista sobre o processo. Algumas imagens tiradas durante as entrevistas da minha pesquisa:

Figura 01: Foto tirada no meio da entrevista com o Padre Mário. Manaus. 2023.



Fonte: Reprodução pessoal

Figura 02: Foto tirada com a moradora Terezinha no ASSIC. Manaus. 2023



Fonte: Reprodução pessoal

5. Conclusões:

A presente pesquisa trata acerca do processo de ocupação dos lotes de terras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que deu origem ao Bairro do Coroado, revela uma riqueza de informações profundas sobre a evolução deste local. O estudo se fundamentou na metodologia histórica, explorando as memórias coletivas por meio das narrativas dos indivíduos. A memória individual, influenciada pela vivência em diversos grupos, é um reflexo das memórias coletivas que se amalgamam, formando a essência singular de cada indivíduo.

A pesquisa priorizou entrevistas semiabertas, enfocando antigos membros da comunidade universitária, como docentes, técnicos e gestores, assim como os residentes mais velhos e os mais jovens envolvidos direta ou indiretamente no processo de ocupação. A relevância das entrevistas reside na dimensão simbólica que os historiadores têm a obrigação de estudar, já que mediadas pela memória, transmitem experiências individuais e coletivas.

Essas entrevistas, embasadas nos ensinamentos de Halbwachs, Bloch e outros teóricos, revelam como a memória coletiva é uma construção dinâmica, sujeita a erros de transmissão, mal entendidos e distorções intencionais. A representação simbólica do Bairro do Coroado varia de pessoa para pessoa, refletindo os ensinamentos transmitidos ao longo das gerações e suas experiências individuais.

Além das entrevistas, a pesquisa se valerá de fontes escritas, como acervos públicos e documentos institucionais da UFAM, buscando uma compreensão mais abrangente dos eventos que levaram à formação do Bairro do Coroado. As informações colhidas até o momento revelam nuances antes não exploradas, enriquecendo o estudo com camadas de conhecimento histórico, social e cultural. Em síntese, a pesquisa proporcionou uma imersão detalhada na evolução do Bairro do Coroado,



desvendando a história, memórias e trajetórias dos moradores, contribuindo para uma compreensão mais completa e profunda desse importante ponto de Manaus.

Referências bibliográficas:

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. 1995. Disponível em <file:///home/andre_27/Downloads/Art%C3%Adgo%20O%20grande%20Mentiroso%20Jana%C3%Adna%20Amado2.pdf>. Acesso em: 10 de março 2023.

BARBOSA, Tatiana da Rocha. **Ocupações urbanas e a (re) produção das moradias populares em Manaus: Estudos no Bairro do Coroado e Loteamento Rio Piorini**. Manaus: UFAM, 2009.

BLOCH, Marc. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994. Disponível em <https://langloishg.fr/documents/les-cadres-sociaux-de-la-memoire-de-maurice-halbwachs-le-compte-renducritiquedemarc-bloch-dans-la-revue-de-synthese-historique/>. Acesso em: 16 de abril 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HISTÓRIA. **UFAM.edu.br, 2013**. Disponível em <<https://ufam.edu.br/historia>>. Acesso: 03 de jan. 2023.

MANOEL, Edvaldo dos Santos. **Coroado: de invasão a portal da Zona Leste**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

Agradecimentos:

Expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, Pedro Paulo Soares, por ter me acolhido como seu orientando e por sua orientação valiosa durante todo o processo de pesquisa. Agradeço imensamente aos moradores do Bairro do Coroado pela generosidade em compartilhar suas experiências através das entrevistas, cedendo parte do seu tempo para esse propósito. Quero estender um agradecimento especial a João Coragem, cuja visão detalhada e amizade foram fundamentais neste percurso de pesquisa. Por fim, sou imensamente grato pela Iniciação Científica e pela Universidade Federal do Amazonas.